

SOBRE PALMEIRAS EM SÃO JOÃO DEL-REI - MG, ESPECIALMENTE AS DO QUINTAL DOS LUSTOSA

Os são-joanenses, especialmente os mais vividos, sentem saudades das palmeiras que eram visíveis no fundo da propriedade da família Lustosa (Praça Embaixador Gastão da Cunha, 54 - "Largo do Rosário", em São João del-Rei - MG); a parte mais nova da população ainda pode apreciar o cenário daquelas árvores através de antigas fotografias. Havia oito palmeiras, dispostas em linha e em escala crescente (ou decrescente) de altura, as quais eram consideradas como um dos símbolos da cidade de então. Altaneiras, elas apareceram em várias fotografias panorâmicas. A última daquelas plantas teve seu destino decretado a partir do dia 26 de agosto de 2009, quando começou a ser cortada porque estava prestes a cair, e a queda dela e de suas folhas poderia ocasionar acidentes com danos pessoais e/ou materiais pelas redondezas...

Desde criança que eu ouvia dizer que as palmeiras existentes no quintal dos Lustosa foram plantadas e cultivadas pelo patriarca da família para homenagear a cada nascimento de um filho ou filha, daí elas crescerem em variadas escalas de alturas. Recentemente, por acaso, chegou às minhas mãos um exemplar do jornal Ponte da Cadeia (São João del-Rei – MG, ano IX, 13/15 de fevereiro de 1977, edição nº 400); na página 04 da publicação, deparei-me com uma crônica da lavra de Fábio Nelson Guimarães, sob o título de “História das Palmeiras na Residência da Família Lustosa”. A matéria, como não poderia deixar de ser, despertou a minha curiosidade e resultou em atenciosa leitura.

Assim, repasso aqui, ainda que de maneira sucinta, algumas das importantes considerações que Fábio Guimarães disponibilizou, as quais, segundo ele, constituem “uma série de anotações feitas, ao longo do tempo, ao realizar pesquisas várias em fontes originais”. Fábio afirmou que a idéia de se plantar palmeiras na nossa cidade é antiga e que “foi o tenente-coronel Sabino de Almeida Magalhães (...) que a 14 de junho de 1886 oficiou à Câmara local, oferecendo-se gratuitamente a fazer a plantação de uma linha de palmeiras reais no Largo do Rosário que, partindo da coluna da Igreja do Rosário imediata a rua de cima, vá em linha reta a casa do cidadão José Antônio Valério, fazendo gradear com segurança a plantação, coadjuvado pelos seus vizinhos. A vereança aceitou, porém tudo permaneceu na oferta. Fábio lembrou que “em

1881, o vereador Carlos Próspero Ratton pretendeu que a edilidade oficiasse ao Visconde do Bom Retiro, presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, solicitando a remessa de umas 100 mudas de palmeiras imperiais para serem plantadas ao longo do cais que vai ter ao Largo da estação da estrada de Ferro do Oeste...”. No ano de 1884, o então vereador Martiniano Ribeiro Bastos “propôs substituir por palmeiras todas as árvores de gameleiras e muchocas existentes no Largo das Mercês, porquanto as raízes de uma causava danos materiais a uma casa”. Apesar destas tentativas, a cidade não adotou acentuadamente o plantio de palmeiras. Em 1977, Fábio enumerou que “além das palmeiras do Largo de São Francisco (posteriores aos pés de Magnólia), que atingiram o máximo de crescimento, no total de 18, acrescentam-se as oito da família Lustosa, duas do largo das Mercês e as do Bonfim, do Círculo Militar e do jardim da Avenida Rui Barbosa. No mês de julho do ano de 1964, o então prefeito Nelson Lombardi mandou plantar 10 mudas de palmeiras imperiais, entre a cachoeira abaixo da Ponte da Cadeia e a Ponte do Teatro; após, outras palmeiras foram plantadas no trecho que se prolonga até a Ponte Benedito Valadares, mas, em 1966, com o início da canalização do leito do Córrego do Lenheiro, “foram retiradas todos os vegetais ali fixados, mas com a promessa de serem replantados nos mesmos lugares”, o que ficou apenas na promessa da empresa responsável pelo serviço.

Passarei agora a falar um pouco sobre as palmeiras do quintal da família Lustosa, sempre norteado pelo texto de Fábio Guimarães: “Em 1808, nascia Sabino de Almeida Magalhães, casado com Delfina Leocádia de Almeida Magalhães, avós do dr. Paulo de Almeida Lustosa, famoso pela criação da sua cera dental, conhecida até no Japão. Como se sabe, D. João VI, ao declarar guerra a Napoleão I, efetuou a ocupação da Guiana Francesa. Dali ingressaram no Brasil, sob a superintendência do Marquês de Queluz, diversos vegetais, tais como a fruta-pão, o abacateiro, a cana-caiana e a palmeira, dita real, esta plantada no Rio de Janeiro, no Jardim Botânico, pelo próprio filho de D. Maria I. De acordo com informes da família Lustosa, na década de 1830, com vinte e poucos anos, Sabino de Almeida Magalhães trouxe do Rio de Janeiro 8 mudas de palmeiras, transportadas em lombo de burro e aqui plantadas numa distância de 4 a 7 metros uma da outra, acompanhando o sentido longitudinal da mansão dos Lustosa. Essas mudas, provenientes do Jardim Botânico, são muito anteriores às plantadas no Largo de São Francisco”. Então, presume-se que foram as palmeiras de Sabino de Almeida Magalhães que devem ter

inspirado as reivindicações feitas anteriormente para o plantio das espécies nas vias públicas desta cidade.

Na segunda metade da década de 1960, as palmeiras plantadas por Sabino Magalhães foram acometidas por brocas; com a finalidade de preservá-las a todo custo, consultaram a técnicos do Rio de Janeiro, e de lá a técnicos norte-americanos. Em maio de 1976, três delas secavam as folhas e o broto central, o que preocupou a família Lustosa a ponto de contratar técnicos e engenheiros no sentido de resguardá-las ou indicar procedimentos adequados. Durante cerca de três meses esforços foram envidados no sentido de manter as palmeiras vivas e de pé, mas constatou-se que elas estavam irremediavelmente mortas; as palmeiras apresentavam sinais de morte de cima para baixo, por causa da cessação da circulação da seiva pelos vasos e, aos poucos, iam murchando as folhas. Aquela doença talvez seja a mesma praga que no ano de 1933 atacou e ocasionou a morte de 03 palmeiras da Praça de São Francisco (conforme o jornal “A Tribuna”, São João del-Rei – MG, edição de 26 de fevereiro de 1933), e, recentemente, a que voltou a atacar e ainda parece querer prejudicar as várias palmeiras plantadas na praça frontal ao nosso templo franciscano¹... Assim, com a “colaboração do então prefeito Lourival Gonçalves de Andrade, do dr. Luiz Astolfo Lustosa, de A. Tibúrcio e do Sr. Nodge Ferreira Lopes, foi solicitado que o Corpo de Bombeiros da cidade de Belo Horizonte” ajudassem para que elas fossem cortadas, tendo a Prefeitura, o Batalhão Tiradentes, a ACAR, engenheiros, a Delegacia de Polícia local e o Corpo de Bombeiros da capital mineira fornecido todos os meios de auxílio de que podiam dispor. “Cada palmeira tinha altura que variava de 35 a 38 metros (...) numa horta afilada e cercada por residências” (...) Então, “por motivos de segurança, os trabalhos dos bombeiros foi moroso, bastante lento, por causa dos perigos que os envolviam”; foram cortadas cinco das oito palmeiras, entre o final do mês de agosto e o mês de setembro de 1976. As três palmeiras remanescentes receberam tratamentos químicos especiais, mas com o tempo, lamentavelmente, também foram perecendo uma a uma; como já dito, a última delas teve de ser derrubada no mês de agosto de 2009.

A surpreendente revelação final, informação que eu reputo como sendo quase que desconhecida e que vem desmitificar a história que este articulista escutou desde a infância, assim como a que já ouviu boa parte

¹ Veja mais detalhes em:

http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1048&id=3

dos nossos concidadãos e das nossas concidadãs, é a de que Fábio Nelson Guimarães afirmou possuir “um documento manuscrito do dr. Paulo Lustosa, datado de 28 de agosto de 1961, no qual ele desmente a crença generalizada de que seu pai – advogado João Batista Pimentel Lustosa – plantava uma palmeira para cada filho que nascia. A verdade, porém, é que Sabino de Almeida Magalhães, seu avô materno, o mesmo do plantio das palmeiras, plantava mangueiras ao ocorrer o nascimento de seus filhos, que foram em número de 12. No entanto, chegou a plantar apenas oito mangueiras, por falta de espaço, paralelamente às palmeiras. As 8 mangueiras eram de variedades diferentes e a última delas morreu perto de 30 anos passados. Fica, então, registrado na imprensa local [*e, mais uma vez aqui, agora, através desta edição do JORNAL DE MINAS*²], a verdadeira história das palmeiras são-joanenses mais antigas, destituída de um fato que a tradição deturpou no decorrer de algumas gerações.”.



Preparativos para o corte da última palmeira do quintal dos Lustosa, vistos a partir do Largo das Mercês, em 26 de agosto de 2009. Observa-se um andaime já envolvendo o tronco da árvore. Fotografia de José Antônio de Ávila Sacramento.

² Este texto foi publicado originalmente no *Jornal de Minas* (São João del-Rei - MG, ano XIII, edição nº 219, de 23 a 29 de agosto de 2013, p. 2).